

JUVENTUDE BRASILEIRA E EDUCAÇÃO

Álida Leal • Bréscia Nonato • Licínia Correa • Symaira Nonato (Orgs)

Juventudes e escola

Geraldo Magela Pereira Leão
Helen Cristina do Carmo





Todos os direitos reservados aos/as autores/as. Este livro (ou parte dele) não pode ser reproduzido por meios mecânicos, eletrônicos ou por cópia xerográfica sem autorização prévia dos/as autores/as.

Série de Cadernos Temáticos
“Juventude brasileira e educação”

Juventudes e Escola

Autores/as:

Geraldo Magela Pereira Leão

Helen Cristina do Carmo

Organização:

Álida Leal, Brésicia Nonato,

Licinia Correa e Symbaira Nonato

Capa e projeto gráfico:

Carol D’Alessandro

Diagramação:

Editora Fino Traço

Cadernos da série

- Juventudes: culturas juvenis e cibercultura
- Juventudes e ensino superior
- Juventudes e escola
- Juventudes e indisciplina nas escolas
- Juventudes e participação política
- Juventudes e processos educativos
- Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
- Juventudes e projetos de vida
- Juventudes e relações de gênero
- Juventudes e relações étnico-raciais
- Juventudes, sexualidade e diversidades
- Juventudes e territórios: o campo e a cidade
- Juventudes e trabalho
- Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

N812j

Leão, Geraldo Magela Pereira

Juventudes e Escola / Geraldo Magela Pereira Leão e Helen Cristina do Carmo.

- Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

40 p. : il.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-8054-513-5

1. Educação. 2. Juventude. 3. Escola. I. Leão, Geraldo Magela Pereira. II. Título.

2021-3329

CDD 370

CDU 37

Geraldo Leão¹
Helen do Carmo²

Juventudes e Escola

1. Geraldo Magela Pereira Leão - Professor Titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Integra a equipe de coordenação do Programa Observatório da Juventude da UFMG.

2. Helen Cristina do Carmo - Pedagoga e Doutora em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Trabalha como Pedagoga no Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG e integra a equipe de coordenação do Programa Observatório da Juventude da UFMG.

Apresentação Série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”

Cara leitora, caro leitor,

É com muito carinho que dedicamos a você, educadora e educador, a **série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**. Esse é um importante projeto desenvolvido pelo **Programa Observatório da Juventude (OJ)** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O OJ, iniciado em 2003, inserido na Faculdade de Educação da UFMG, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes³. A produção deste material é uma resposta e, ao mesmo tempo, um agradecimento a educadoras, educadores e jovens com os quais temos trabalhado há quase 20 anos. De certo modo, é também uma forma de dar continuidade à experiência exitosa dos “Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio”, produzidos em 2013 como uma das ações do projeto “Diálogos com o Ensino Médio”. Neste novo material, além de algumas temáticas já discutidas ante-

3. Para conhecer mais sobre o OJ, acesse o nosso site: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>>.

riormente, ampliamos o debate para além da instituição escolar. Assim, oferecemos outras possibilidades reflexivas na interseção do tema Juventudes com outros campos analíticos.

Nosso propósito é o de oferecer subsídios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos a profissionais que trabalham com jovens e demais pessoas interessadas na temática, que desejem refletir, dialogar e propor ações junto a tais sujeitos. A série, elaborada no formato de Cadernos Temáticos, conta com 14 volumes que remetem a diferentes aspectos e dimensões relativas às juventudes e processos formativos.

Cada um dos Cadernos, embora conte com registro de autoria, **foi construído a várias mãos [e corações]**. Por um lado, ao longo do processo de elaboração, foi realizada a leitura coletiva e colaborativa por autores/as dos Cadernos desde sua versão mais embrionária até a versão final, o que contribuiu significativamente para o aprimoramento da escrita dos textos. Por outro lado e de modo especial, contamos com a leitura atenta e cuidadosa da Professora Inês Assunção de Castro Teixeira, referência como educadora e com larga experiência na formação de professores/as. Suas contribuições sinalizaram caminhos para produção de escritos que, sem perder a densidade, fossem mais leves e sensíveis – **o que traduz o “jeito OJ” de ser e construir formação com jovens e educadores/as.**

Tal como aconteceu ao longo do processo de elaboração deste material, entendemos que é com múltiplos olhares que cada um/a de nós, educadores/as, dialoga e constrói saberes com os/as jovens, não é mesmo?! Por isso, nosso objeto de inspiração foi o **CALEIDOSCÓPIO**. Você já ouviu falar, manuseou ou brincou com um caleidoscópio? Esse é um aparelho óptico formado por vários espelhos inclinados, que, a partir do reflexo da luz, nos premia com múltiplas possibilidades de figuras, imagens (as)simétricas, multicores, singulares e únicas! Etimologicamente, o termo deriva das palavras gregas καλός (kalos), “belo, bonito”, είδος (eidos), “imagem, figura”, e ζκοπέω (scopeo), “olhar (para), observar”. O caleidoscópio é, portanto, um instrumento que nos permite “olhar surpreendentes configurações de imagens”.

Acreditamos que, a partir da leitura dos Cadernos, seja possível construir um caleidoscópio com aprendizagens, olhares, escutas, registros, ações e experiências sobre e com as juventudes. Uma construção que terá como base os conhecimentos que cada um/a já possui, somados às contribuições que buscamos trazer em cada Caderno, propiciando, assim, (re)fazer olhares, (re) construir conceitos, (re)visitar reflexões e, especialmente, **ampliar possibilidades de construção de conhecimento e metodologias com/sobre as juventudes nos diferentes processos educativos!**

Esperamos que cada um/a viva uma experiência caleidoscópica!!! Experiência entendida aqui como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, como nos diz o professor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). De um lado, desejamos que você olhe para os/as jovens com os quais constrói processos educativos a partir de diferentes ângulos, cores e reflexos, buscando compreender que existem diferentes modos de ser jovem. Busque “girar o instrumento” e ajustar as lentes para perceber que os diferentes espaços educativos nos quais os/as jovens estão inseridos/as, as culturas juvenis, a forma como se conectam com as tecnologias digitais, as dimensões dos territórios, os demarcadores sociais de diferenças (raça, gênero, sexualidade), suas formas de participação, sua relação com a saúde e a forma como constroem seus projetos de vida evidenciam que estamos falando de juventudes no plural, requerendo de nós educadores/as múltiplos olhares caleidoscópicos. De outro lado, convidamos você, - como nos provoca Rubem Alves com poesia nomeada “A complicada arte de ver” - a fazer um exercício constante de reflexão e questionamento: afinal, o que os olhos dos seus olhos veem? O que os ouvidos dos seus ouvidos ouvem? Ou seja, o que faço com o que eu vejo e escuto acerca dos/as

jovens com os/as quais eu trabalho? Quem são eles/as? Como eu tenho construído processos educativos com eles/as? Trata-se de um convite para que cada um/a perceba os reflexos, as nuances, os movimentos, as cores e, especialmente, as singularidades das juventudes.

A metáfora do caleidoscópio acompanhou toda a nossa construção e, por isso, em alguns itens do Caderno nos remeteremos a essa inspiração: *Iniciando o giro do caleidoscópio* (introdução); *Outros ângulos, cores e formas: para saber mais* (espaço destinado ao compartilhamento de diferentes linguagens que possibilitam ampliar e adensar questões já discutidas no Caderno); *Focalizando imagens: leia mais* (Indicações de referências acadêmicas); *Juntando imagens e reflexos* (considerações finais) e *Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir* (sugestão de exercício de ação-reflexão-ação contínuo acerca do trabalho com os/as jovens).

Por fim, tal como acontece quando vamos brincar com um caleidoscópio, não há uma ordem a ser seguida para a leitura dos Cadernos. Você pode começar por onde e da maneira que quiser. Convidamos você a olhar para estes Cadernos como se, metaforicamente, estivesse observando para dentro do tubo de um caleidoscópio. Desse modo, é você quem escolhe para onde

deseja girar, a velocidade do giro e se deseja ou não se movimentar diante da luz para focalizar as imagens formadas.

A este respeito, um último detalhe: você notará que, ao organizar os Cadernos de modo circular, será formada uma imagem que nos remete ao giro do caleidoscópio. Este arranjo está presente na guarda (ou seja, no verso da capa e da contracapa) de todos os Cadernos. Nosso intuito foi o de simbolizar que, mesmo podendo ser usados de modo individualizado, os volumes guardam entre si características comuns e se completam. Os desenhos e as cores apresentados em cada volume são algumas dentre milhares de possibilidades imagéticas advindas do caleidoscópio que, assim como as/os jovens, deve ser compreendido por múltiplos olhares, entrecruzando diferentes dimensões e perspectivas.

Desejamos uma excelente leitura e que sigamos “caleidoscopindo” possibilidades de construção de Pedagogias das Juventudes!

Álida Leal, Bréscia Nonato, Licínia Correa e Symaira Nonato

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. p. 20-28.

RUBEM, Alves. A complicada arte de ver. *Jornal Folha de São Paulo*, 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 20 de mar de 2022.



Iniciando o giro do caleidoscópio

Caro/a colega leitor/a,

Quantas vezes a gente não ouviu, em diferentes espaços – na escola, nas conversas em casa, nas rodas de conversa com amigos/as – que “os/as jovens não gostam da escola” e “não ligam para os estudos”? Pais, mães e professores/as se queixam que as suas expectativas quanto ao envolvimento dos/as estudantes com a escola não são atendidas. Por outro lado, muitas vezes os/as jovens se sentem desmotivados/as, não conseguem estabelecer sentido para o que a escola ensina e carregam uma certa culpa por não corresponderem ao que se espera deles/as.

Neste Caderno, queremos conversar com você sobre esse tema delicado, da relação dos/as jovens com a escola. Essa nossa conversa pode nos deslocar de nossos preconceitos, de representações, visões genéricas e homogêneas e produzir outros olhares,

outras imagens sobre as juventudes e em outros espaços da vida social. Para isso, um primeiro passo é nos perguntarmos: com que olhar nos aproximamos das juventudes contemporâneas?

Um segundo movimento a ser feito é nos perguntarmos sobre as implicações dessas imagens sobre as juventudes para o nosso trabalho como educadores/as e para as abordagens que a escola desenvolve ao acolher os/as jovens. Será que em nossas atividades educativas há uma preocupação em compreender o/a jovem real? Há espaço para que eles/as participem ativamente na construção das nossas ações educativas? Eles/as se reconhecem nelas?

Por fim, é preciso situar essas relações no contexto social e educacional brasileiro. As tensões entre estudantes, a instituição escolar e os/as profissionais da educação são geradas em um cenário de limites e possibilidades, a partir do qual os/as jovens se encontram para construir suas trajetórias de vida.

Essas questões não serão abordadas necessariamente nessa mesma ordem, mas esperamos tratá-las ao longo do texto. No decorrer de nosso diálogo, trazemos algumas indicações de experiências e materiais que talvez nos ajudem a refletir não apenas sobre os problemas, mas também sobre as experiências positivas dos/as jovens nas escolas brasileiras.

Boa leitura!

Olhar e (re)conhecer os/as jovens

Você já parou para pensar sobre quem são os/as jovens de hoje? Em geral, quando surge o assunto sobre a juventude atual, em diferentes momentos e espaços, a gente tende a se dividir entre imagens positivas e negativas. Expressões como “criativa”, “bem informada” e “com muita energia” surgem ao lado de referências ao individualismo, à passividade e à rebeldia. Parece que estamos sempre oscilando entre um olhar muito positivo – os/as jovens como “o futuro” e protagonistas das transformações sociais – e uma visão negativa – os/as jovens como alienados/as, violentos/as e insubordinados/as.

Essas posições dúbias nos acompanham em nossas atividades, não é mesmo? Quando nos deparamos com os/as jovens reais em nossas ações educativas, muitas vezes somos levados/as por preocupações, dúvidas e conflitos em relação a eles/as. Ao mesmo tempo, muitas experiências positivas emergem nessas situações, onde os/as jovens expressam suas incertezas e angústias, mas também suas maneiras de se posicionarem no mundo, suas identidades e seus sonhos. Apesar da complexidade e desafios nas relações com os/as jovens e de nossas dúvidas em como conduzir os processos educativos, tanto na escola, como fora dela, essas experiências criam oportunidades de encontros geracionais com muitas possibilidades.

Como vimos no Caderno “Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo”, a experiência juvenil não é a mesma para todos/as. Ela está condicionada por fatores como a classe social, a raça e etnia, o gênero, a sexualidade e o lugar onde se vive. Da mesma forma, está condicionada por fatores subjetivos próprios das singularidades de cada história, ou seja, o modo como cada indivíduo vivencia a realidade que o cerca. Por exemplo, alguns/algumas experimentam um grande sofrimento diante de algumas situações, enquanto outros/as não. Embora essas questões não sejam determinantes, elas configuram nossas experiências sociais.

Assim, convidamos você a pensar um pouco sobre os/as jovens concretos que você conhece, evitando imagens preconcebidas e buscando conhecer o seu cotidiano, suas experiências e aspirações com um novo olhar. E aí podemos nos perguntar: como as várias dimensões da *condição juvenil* (Helena ABRAMO, 2005; Juarez DAYRELL, 2007) – o trabalho, a religiosidade, as relações familiares, a sociabilidade, o território, as práticas culturais, as redes sociais – configuram diferentes modos de ser jovens que irão se expressar no cotidiano escolar? Como a escola pode se organizar para reconhecer e valorizar essa diversidade?

A escola diante da condição juvenil

Você já parou para pensar em como nossa vida hoje é muito mais complexa do que há poucos anos atrás? Vivemos experiências em nosso cotidiano muito mais diversificadas e aceleradas, transitamos por tempos e espaços múltiplos e tudo parece mais incerto, mais inseguro. Em nosso cotidiano, muitas vezes estamos trabalhando e resolvendo questões familiares, ou interagindo nas redes sociais, por exemplo. Nossa vida se tornou mais complexa e a experiência escolar é mais uma dimensão entre várias outras que se cruzam na vida das pessoas que a frequentam.

Os/as jovens vivem tudo isso de uma forma mais intensa, expressando em seus modos de ser questões que são centrais para nossa sociedade a partir das diversas dimensões que compõem a condição juvenil. Muitas delas irão se expressar na escola, na forma como os conhecimentos e processos educativos escolares interagem com outros saberes produzidos em suas vidas cotidianas. O desafio, então, é como construir propostas educativas que dialoguem com esses diferentes modos de ser, que reconheçam e acreditem nas potencialidades juvenis.



Outros ângulos, cores e formas



Fonte: material de divulgação do filme

Saiba mais assistindo “Nunca me sonharam” (Cacau Rhoden, Brasil, 2017), um documentário que ouviu jovens estudantes do Ensino Médio público sobre seus sonhos e expectativas de futuro, bem como sobre os desafios que enfrentam em seus cotidianos. Ele pode nos ajudar a compreender o lugar que a educação ocupa na vida desses atores.

Disponível no seguinte endereço: <<https://www.videocamp.com/pt/movies/nuncamesonharam>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

Queremos dizer que a escola é uma instituição central na vida da maior parte dos/as jovens. Mas ela não é a única e muitas vezes não é a mais importante, pois outros processos educativos

que não se resumem à escolarização também conformam a condição juvenil. Isso fica evidente quando os/as estudantes fazem comentários em sala de aula ou se posicionam diante de certos fatos que nem nos damos conta como educadores/as, não é mesmo? Isso é muito comum, por exemplo, quando pensamos nas relações entre as juventudes e as mídias, as tecnologias digitais, ou quando abordamos assuntos relacionados a relacionamentos afetivos e práticas sexuais entre eles/as.

É preciso, primeiro, considerar que a escola possui estruturas e formas de organização do tempo e do espaço que seguem uma determinada lógica. Mesmo com as transformações sociais que presenciou ao longo de sua história, a escola, de modo geral, manteve uma forma de organizar tempos, espaços, métodos e currículos que não se alteraram muito. O método expositivo e o lugar central dos/as professores/as são alguns exemplos dessas permanências. Com isso, a cultura escolar vai nos ensinando a ser passivos, sendo difícil desenvolver posteriormente uma atitude mais crítica diante da realidade. Muitos/as jovens não se encaixam nessa realidade. Desistem da escola ou burlam suas regras, que muitas vezes são impostas pela instituição.

Esse tipo de organização do tempo e espaço escolar está cada vez mais distante da experiência juvenil contemporânea, tornando difícil para os/as jovens se apropriarem da escola.

Ficar preso/a ao seu lugar, com uma interação restrita com os/as colegas, atentos/as aos comandos do/a professor/a é uma experiência cada vez mais entediante. Em nome da disciplina e da boa condução das atividades escolares, perde-se a possibilidade de dialogar com as diversas experiências e culturas juvenis presentes no chão da escola. Há poucos momentos para promover a sociabilidade e para incorporar temas e questões que interessam aos/às jovens discutir.



Focalizando imagens

Se você quiser saber mais sobre como a escola se configurou como o espaço que é hoje e como a concepção de aluno por ela interiorizada não é compatível com a maior parte dos/as jovens contemporâneos, leia a obra de José Gimeno Sacristán: O aluno como invenção, Porto Alegre: Artmed, 2005.

Hoje, quando se debate a relação dos/as jovens com a instituição escolar, é comum que se faça referências à “crise da escola”. Tornou-se um lugar comum falar das mazelas da escola e do desinteresse da juventude por ela, quase sempre a partir de um diálogo pouco produtivo, cheio de ideias prévias e fixas, onde os/as

diferentes atores/as – gestores/as, professores/as, estudantes e famílias – acusam uns aos/às outros/as, sem chegarem a um consenso.

Mas antes de pensar em “crise da escola”, que tal nos perguntarmos sobre a relação dos/as jovens com ela? Não seria mais produtivo nos questionarmos sobre as experiências dos/as nossos/as estudantes e suas implicações para o tipo de relação que tecem com a escola? Da mesma forma, não seria mais produtivo refletir sobre como as escolas se relacionam com eles/as?

Refletindo sobre as relações dos/as jovens com a escola no Brasil, Marília Sposito (2005) destaca que a expansão das oportunidades educacionais a partir da metade dos anos 1990 se deu em um contexto de crise social. As sociedades contemporâneas passam por processos de mutações sociais. As mudanças no papel das instituições tradicionais como a família e a escola, as reconfigurações do mundo do trabalho, o desemprego, o desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e a ampliação da escolarização são algumas dessas alterações que têm impactos importantes na organização dos ciclos da vida e nas trajetórias juvenis.

Ao lado disso, vive-se esses processos de mudanças sociais em um contexto de grandes desigualdades sociais que se cruzam com pertencimentos territoriais, de gênero, sexualidade

e raça, entre outros, e dependendo das sobreposições, essas desigualdades são ainda mais graves. Por exemplo, as questões e demandas trazidas por estudantes do campo se diferem muito daquelas postas por jovens de grandes centros urbanos, como também faz grande diferença se o contexto está em um bairro periférico ou central.

Nesse contexto de desigualdades, a expansão da escola para os/as jovens brasileiros/as, especialmente do Ensino Médio a partir dos anos 1990, traz para o seu interior um público que historicamente foi excluído dela. Embora muitos/as frequentem a escola desde a primeira infância, boa parte deles/as apresenta um histórico de dificuldades, reprovações e abandonos nos seus percursos escolares. Eles/elas são convocados a construir algum sentido para a sua experiência escolar, mas em uma escola com a qual não se identificam e na qual não encontram muito espaço para expressarem suas demandas. Assim, muitas vezes, estudar se torna apenas uma obrigação a cumprir e a certificação escolar o único objetivo a atingir.



Outros ângulos, cores e formas

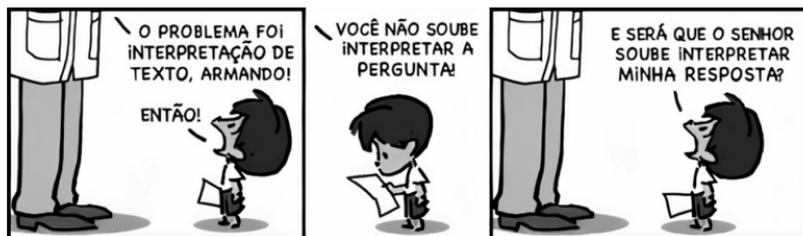
Saiba mais assistindo alguns filmes, séries e documentários que podem nos ajudar a refletir sobre as relações entre os/as jovens e a escola:

- “Pro Dia Nascer Feliz”, de João Jardim (Brasil, 2006). <<https://www.videocamp.com/pt/movies/pro-dia-nascer-feliz>>. Acesso em: 26 mai. 2021.
- “Entre os muros da escola”, de Laurent Cantet (França, 2009).
- “Merli”, de Hector Lozano (Espanha, 2015).
- “Rita”, criada por Christian Torpe (Dinamarca, 2012) e disponível na Plataforma Netflix.

As juventudes interrogam a escola

Como educadores/as, geralmente nos preocupamos com aspectos como o bom desempenho e o comportamento adequados/as alunos/as. Temos a expectativa de que eles/as cumpram bem o seu “papel de aluno/a”, o que não é algo fácil, tendo em vista que esses/as jovens nem sempre estão dispostos a se conformar com o que lhes é imposto.

A tirinha a seguir mostra de forma cômica essa “inconfirmação”:



Fonte: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/fotos/943404095704897>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

A tirinha nos chama a atenção para o fato de que, algumas vezes, como educadores/as, perdemos a oportunidade de dialogar com aquilo que os/as jovens nos trazem, com suas histórias, experiências, visões de mundo. Qual seria nossa disposição para ver algumas situações vividas com os/as jovens sob outro ponto de vista? Qual seria a disposição da escola para ser questionada e repensada?

De uma maneira geral, os/as jovens gostam da escola e esperam coisas positivas dela, especialmente que faça diferença na realização de seus sonhos e projetos de vida, mesmo que eles/as ainda não sejam muito concretos. Por outro lado, são vários os limites trazidos pelo contexto social em que vivem para suas experiências escolares. Nem sempre aquilo que almejam para si é possível de ser vislumbrado nos horizontes de possibilidades que

o presente lhes apresenta. Isso provoca muitas vezes desilusão e desânimo com relação à escola, ou mesmo, diante de um futuro incerto que a escola oferece, os/as jovens veem mais sentido em garantir o presente.

O Caderno “Juventudes e projetos de vida”, de Jorddana de Almeida e Maria Alves, aborda, mais detalhadamente, esse tema. Contudo, queremos chamar a sua atenção aqui para o fato de que a escola tem um peso importante no futuro das pessoas, mas o seu significado varia muito de acordo com o momento vivido. Infelizmente, para muitos/as jovens, a escola deixa a desejar em muitos aspectos. Em geral, quando questionados, eles/as demonstram um grande senso crítico sobre os problemas das escolas, desde aqueles relativos às condições materiais (prédios malconservados, falta de insumos básicos, bibliotecas e laboratórios sem funcionamento) até aspectos que dizem respeito à metodologia das aulas e à relação com os/as professores/as.

Isso muitas vezes se evidencia em um olhar desencantado para a vida escolar. Além de sentirem que há uma falta de compromisso do Estado, há um mal-estar pelo fato de estudarem em escolas malcuidadas, muitas delas cercadas de grades e com várias precariedades no seu funcionamento.

Esse mal-estar se estende para a relação com os/as professores/as. Em geral, os/as estudantes reconhecem a desvalorização dos/as trabalhadores/as da educação e se solidarizam com os/as professores/as. Mas também criticam os/as docentes que faltam ao trabalho e muitas vezes não investem em suas aulas. Eles/as aspiram a ter professores/as comprometidos/as e que sejam referências para as suas trajetórias de vida.

Quando a própria relação afetiva fica distante e tensa, também a relação pedagógica perde o sentido para a vida dos/as estudantes. Fica difícil construir um sentido para a sala de aula e para os conteúdos curriculares quando a escola não é interessante e quando aqueles/as que deveriam fazer essa mediação se encontram desestimulados/as. Não é comum a gente ouvir que “a escola é um tédio” ou que “a escola é boa, ruim é a sala de aula”?

Assim, a relação dos/as jovens com a escola se faz em meio a muitas tensões, independentemente das redes de ensino, e sem querer generalizar. Muitos/as deles/as elaboram uma visão crítica das instituições. Vivendo a imposição de uma sociedade escolarizada, eles/as destacam a importância da educação e se sentem responsáveis por alcançar o sucesso escolar. Ao mesmo tempo, muitos/as jovens têm dificuldades em alcançar tal sucesso, o que termina reforçando um sentimento de

incapacidade individual. Outros/as, por uma série de fatores, desistem de estudar.



Focalizando imagens

Veja o artigo “Juventude, Ensino Médio e os Processos de Exclusão Escolar”, de Rodrigo Ednilson de Jesus e Juarez Dayrell, *Educ. Soc.*, Campinas, v. 37, nº. 135, p.407-423, abr.-jun., 2016. <<https://www.scielo.br/pdf/es/v37n135/1678-4626-es-37-135-00407.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

Os/as jovens não são passivos/as diante de tudo isso. Muitas vezes, quando encontram oportunidades, eles/as demonstram que são atores importantes dentro da instituição escolar, e que por isso mesmo, devem ser ouvidos/as e ter espaço na construção dos processos que interferem diretamente em suas vidas. Através de organizações como grêmios estudantis eles e elas buscam se fazer presentes e evidenciar que são sujeitos/as de direitos e têm condições de interferir no espaço escolar. Buscam, assim, acrescentar seus pontos de vista, de principais interessados/as na melhoria do sistema de ensino, das condições

estruturais e da capacidade da instituição escolar de dialogar com as reais expectativas que nutrem em relação ao espaço escolar.

Um exemplo dessa capacidade de reflexão crítica e de intervenção explicita-se nas ocupações das escolas pelos/as estudantes, iniciadas no Estado de São Paulo, no ano de 2015, contra um projeto de reestruturação escolar empreendido pelo Governo do Estado. Como afirmam Denise Sordi e Sérgio Morais (2016, p. 26): “o movimento de ocupação das escolas impôs a construção de uma nova dinâmica, na qual os estudantes reivindicaram a participação ativa nos debates e nas decisões sobre os rumos da educação pública nos espaços institucionalizados”.



Outros ângulos, cores e formas



Saiba mais sobre as ocupações escolares no Brasil por meio do documentário “Acabou a Paz. Isto aqui vai virar o Chile. Escolas Ocupadas em São Paulo”, de Carlos Pronzato (Brasil, 2016). <<http://www.lamestizaaudiovisual.com.br/>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

Fonte: Material de divulgação do filme.

Os múltiplos sentidos da escola para os/as jovens

Quando pensamos na relação dos/as jovens com a escola, partimos do pressuposto que a escola ocuparia um lugar central na vida deles/as. Mas como discutimos quando abordamos o tema da “crise” da escola, por uma série de fatores esse lugar é cada vez mais relativo, não podendo ser generalizado, nem mesmo naturalizado. Em sociedades nas quais os tempos e espaços são muito diversificados, a escola concorre com outras instâncias de socialização e processos de construção de identidades. Embora a educação seja um direito e esteja prevista a sua obrigatoriedade, o papel da escola e do conhecimento escolar não está dado de antemão para os/as alunos/as. Nas sociedades contemporâneas, os indivíduos são chamados a fazerem escolhas e construir seus percursos, sem desconsiderar a “presença” das agências mais tradicionais – escola e família” (SPOSITO, 2005, p. 95), elaborando sentidos para suas orientações e filiações.

Para compreender a relação das juventudes com a escola, somos convidados/as então a operar um deslocamento em nosso olhar. Se o sentido de frequentar a escola não é dado de antemão, devemos nos perguntar então o que buscam os/as jovens que estão em nossas escolas.

Quando olhamos para nossas turmas a gente percebe diferenças. Há estudantes mais e menos envolvidos com os estudos,

mais interessados em alguns conteúdos e atividades que outros, uns são mais populares que outros, há alguns com um nível de amadurecimento maior. Ou seja, **não há um/uma “aluno/a ideal”, mas jovens concretos, sujeitos socioculturais, com seus interesses, identidades e modos de ser dados pelas suas interações e condições sociais.** A partir de suas experiências sociais eles/ as constroem múltiplos modos de ser estudante, numa postura ativa de se fazer aluno/a, mais do que cumprir um papel ou ofício pré-estabelecido no qual devem se adequar.

Isso nos leva a pensar que **a experiência escolar muda de acordo com o tempo e os eventos que ocorrem nos ciclos da vida. Ela não é determinada, mas condicionada, como nos lembra Paulo Freire (2000), podendo ser alterada pela ação dos/as sujeitos/as envolvidas nos processos educativos.**

Como nos lembra o sociólogo português Pedro Abrantes (2003, p. 7-8)

Na escola cruzam-se, durante anos, milhares de jovens em busca de um sentido para a vida. Em alguns casos, a escola reforça os sentidos já iniciados nos contextos familiares, noutros poderá ter um efeito destrutivo, noutros ainda possibilitará aos jovens construir novos sentidos. É, em grande medida, na escola que se começam a tecer e a ganhar forma os sentidos da vida, à medida que se projectam e ensaiam não só carreiras e competências, mas tam-

bém posições e disposições. As identidades são em parte isso mesmo: sentidos de vida. Alavancas do dinamismo nas sociedades contemporâneas, as trajectórias, quer de mobilidade social, quer de mudança cultural, têm a escola como um dos palcos principais. A escola constitui um contexto fundamental na estruturação das identidades juvenis, isto é, na definição das posições, disposições e projetos dos jovens.

Pensando nisso, qual lugar a escola ocupa na vida dos/as jovens com os/as quais você trabalha, da sua família ou da sua comunidade? Você consegue perceber diferentes sentidos da escola entre eles/as? Quais seriam esses diversos sentidos?

É muito comum ouvirmos dos/as jovens que a escola é uma *obrigação*, uma imposição dos pais/mães/responsáveis e da vida social. Perguntar pela razão de frequentar a escola não tem muito sentido, pois trata-se de algo quase que natural. Outros/as depositam o sentido da escola nas exigências do mercado de trabalho, na expectativa de que o certificado escolar possa contribuir para sua futura inserção profissional e para a sua mobilidade social.

Mas também tem aqueles/as que reconhecem a escola a partir dos aprendizados que ela oferece para a vida, para a cidadania e para o crescimento pessoal. Outros/as ainda estão motivados/as por se relacionarem com outras pessoas, por fazerem novas amizades e interagirem com outros/as jovens com os/as

quais se identificam e se sentem confiantes para falarem de suas escolhas, desejos e inseguranças.

Assim, não há um sentido único e privilegiado, mas uma mescla de diferentes motivações para estar na escola. Os/as estudantes vão administrando suas escolhas entre imposições sociais (“ter um bom emprego”; “entrar na faculdade”; “porque a família exige”; “porque é o que se espera de um/a jovem”) e seus desejos, valores e horizontes de vida.

Dentre os múltiplos sentidos da escola, a sociabilidade tem sido considerada como uma dimensão muito importante tendo em vista a sua centralidade para a condição juvenil (DAYRELL, 2007). Em diferentes contextos, seja no campo ou na cidade, em diferentes classes sociais, as amizades, namoros, interações em momentos de lazer e no uso do tempo livre, marcam muito a experiência nessa fase da vida. Hoje, com o desenvolvimento das redes sociais, ampliam-se essas possibilidades para interações *online*.

Desse modo, a dimensão da sociabilidade merece um cuidado todo especial na proposta educativa da escola. Valorizar os espaços de interação, confraternização e atividades coletivas abrindo espaços para a participação juvenil é muito importante para que os/as jovens se sintam reconhecidos e pertencentes à escola. São nesses tempos espontâneos, com ou sem um plane-

jamento e um controle prévio, abertos à experimentação, que os/as estudantes trocam ideias, discutem sobre o cotidiano, fazem planos, debatem sobre valores e pontos de vistas, tecem relações etc. No trânsito entre os/as colegas, eles/as elegem os/as amigos/as, se filiam aos/às mais “chegados/as”, usam e recriam os tempos e espaços escolares de uma forma ativa.

Como educadores/as, temos então um rico território a ser explorado a nosso favor! Ele traz potencialidades que, se tivermos uma postura atenta e aberta para a escuta, pode favorecer a ação educativa. **Longe de ser um problema, a sociabilidade juvenil pode oferecer oportunidades de criar novos significados mais positivos para o ser aluno/a.**

Estamos chamando a atenção para o fato de que ser jovem e ser estudante são as faces de uma mesma moeda. Essas são dimensões que deveriam se complementar, pois o/a estudante não deixa sua condição juvenil ao adentrar a escola. Muitos conflitos entre jovens e escolas nascem da insistência em fazer dessas dimensões tempos cindidos, sem que adolescentes e jovens tenham reconhecidos seu lugar de direito nos currículos escolares (ARROYO, 2011).

Ter isso em consideração não implica em desconsiderar a dimensão do aprender conteúdos escolares. Em geral, há uma demanda entre os/as jovens por uma escola que ofereça oport-

tunidades para ter acesso a conhecimentos que lhes serão úteis em relação à continuidade da sua escolarização e ao acesso a oportunidades de trabalhos. Mas também que façam sentido para compreender suas vidas e seus cotidianos.

Como dizia um jovem em uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio no estado do Pará (DAYRELL, LEÃO E REIS, 2010, p. 117):

Nós vemos em propagandas na TV a frase: “Acabou a decoreba! O que vale é o que nós aprendemos de fato.” Mas será que os alunos sabem o que é esse aprendizado de fato? Será que os professores sabem passar esse aprendizado? Eu creio que essa maneira de aprendizado deva ser levado pra nossa realidade do cotidiano. O aluno deve olhar pela janela e ver o que ele aprendeu na escola. Saber por que ele está aprendendo aquilo.

Para finalizar, convidamos você a pensar numa última questão. A docência não se resume ao papel de ensinar conteúdos, mas também tem o papel de fazer a mediação possível entre a condição de estudante e a condição juvenil. Conforme nos lembra Inês Teixeira (2007), o “coração da docência” está no encontro de diferentes sujeitos. É desse encontro que se constitui o ato

educativo. Nele comparecem professores/as e jovens em sua integralidade, como sujeitos/as socioculturais.

Assim, tanto a escola como qualquer outro espaço educativo não-escolar, demandam dos/as educadores/as a maior inserção possível no universo juvenil, ouvindo o que os/as jovens têm a dizer, buscando compreender suas formas de ser e perceber as suas potencialidades.

Queremos dizer com isso que a relação dos/as jovens com a escola é construída a partir da intermediação dos/as docentes na sua relação cotidiana com seus/suas alunos/as. É certo que nem tudo depende dele/a! Nem se trata de transferir a responsabilidade dessa mediação para cada professor/a individualmente. Trata-se de constituir coletivamente um sentido para a profissão daqueles/as que atuam junto às juventudes, produzindo a partir daí também uma ressignificação para a condição docente como educadores/as de/com jovens.

Talvez, a partir dessa postura, a escola possa se constituir efetivamente em um suporte na vida dos/as jovens. Ela pode ser uma instituição central para as trajetórias juvenis, onde os/as estudantes possam ampliar seus conhecimentos sobre si e sobre a realidade que vivenciam, ponderar sobre suas possibilidades e construir novas perspectivas de vida. Esse caminho começa por proporcionar aos/às jovens estudantes processos educativos que

permitam a eles e elas refletirem sobre suas identidades, sobre suas expectativas em relação ao futuro (sempre dialogando com o passado e com o presente) e quais as condições para alcançar seus desejos. Na busca pelas respostas a essas questões, nós, educadores/as, temos o privilégio de participar como parceiros/as



Outros ângulos, cores e formas

1 - A ONG Ação Educativa, de São Paulo, desenvolve várias atividades de assessoria, pesquisa e formação que têm como foco os eixos “educação, cultura e juventude”.

Acesse aqui: <<https://acaoeducativa.org.br/projetos/>>. Acesso em: 26 mai. 2021.

2 - O Observatório da Juventude da UFMG é um grupo de pesquisa, formação e extensão que se dedica ao tema da condição juvenil brasileira. Entre as várias produções do grupo, duas indicações podem auxiliar na discussão do trabalho junto a jovens: Por uma Pedagogia das Juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG e “Juventude brasileira e ensino médio”.

Acesse aqui: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/livros-links-artigos-2/>>. Acesso em 17 set. 2021.



Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir

Que tal levarmos um pouco dessa reflexão para a nossa realidade?

O Caderno “Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo” abordou a importância da problematizar e investigar nossas práticas educativas.

Falamos tanto sobre o/a jovem real e agora temos a chance de realizar um exercício de escuta que pode nos auxiliar ainda mais na compreensão da relação entre eles/as e a escola. Esta proposta de reflexão foi inspirada numa atividade promovida pela professora Luana Tolentino e publicada no livro “Outra Educação é possível”⁴. A ideia é promover um diálogo com um/a ou mais jovens, a partir de duas perguntas direcionadas a eles/as:

- O que a escola não sabe sobre você?
- Qual recado você gostaria de dar à escola?

4. TOLENTINO, Luana. Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

Sugerimos que as respostas sejam registradas na forma de carta, áudio ou vídeo (deixando a critério do/a jovem a autoria ou anonimato da produção). Esperamos que esse material complemente as reflexões iniciadas com a leitura desse Caderno. Nossa expectativa é que esse diálogo junto aos/às jovens revele nuances de suas vidas que muitas vezes a escola não é capaz de enxergar e, por isso mesmo, acaba criando barreiras ao invés de conexões com esses sujeitos. Além disso, esse exercício pode evidenciar o que os/as jovens pensam sobre a instituição escolar e fornecer elementos para buscarmos caminhos rumo a uma relação mais significativa entre esses sujeitos e a escola.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis*: punks e darks, o espetáculo urbano. São Paulo: Scrita, 1996.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto da Cidadania, 2005. p. 149-174.

ABRANTES, Pedro. *Os sentidos da escola*: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. Oeiras: Celta, 2003.

ARROYO, Miguel González. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BECK, Alexandre (Armandinho). *Imagem tirinha*. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 19 de março de 2015. Facebook: Armandinho. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/943404095704897>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

CASTRO, Inês Teixeira de. *Da condição docente. Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; LEÃO, Geraldo; REIS, Juliana Batista dos. *Pesquisa Diálogos com o Ensino Médio*. Belo Horizonte: Observatório da Juventude da UFMG; Observatório Jovem da UFF, 2010. Relatório.

FREIRE, Paulo. “Segunda carta. Do direito e do dever de mudar o mundo.” In: *Pedagogia da Indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SPOSITO, Marília P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (Org.). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto da Cidadania, v. 1, p. 87-128, 2005.

SORDI, Denise N. D., MORAIS, Sérgio Paulo. “Os estudantes ainda estão famintos!”: ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas no Brasil. *RELIGACIÓN. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*. n. 2, Quito, Jun. 2016.

TEIXEIRA, Inês de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.



GOVERNADOR BRASILEIRA E EDUCAÇÃO
Juventudes e participação política
Priscila Simões dos Santos
Silvana Santana de Oliveira

GOVERNADOR BRASILEIRA E EDUCAÇÃO
Juventudes, sexualidade e diversidade
Priscila Simões dos Santos
Priscila Santana de Oliveira

GOVERNADOR BRASILEIRA E EDUCAÇÃO
Juventudes e ensino superior
Priscila Simões dos Santos
Silvana Santana de Oliveira

GOVERNADOR BRASILEIRA E EDUCAÇÃO
Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
André Goulart de Almeida

GOVERNADOR BRASILEIRA E EDUCAÇÃO
Juventudes e escolas
Priscila Simões dos Santos
Priscila Santana de Oliveira

GOVERNADOR BRASILEIRA E EDUCAÇÃO
Juventudes e indisciplina nas escolas
Priscila Simões dos Santos
Priscila Santana de Oliveira

GOVERNADOR BRASILEIRA E EDUCAÇÃO
Juventudes e relações éticas: desafios para o tempo futuro de hoje
Priscila Simões dos Santos
Priscila Santana de Oliveira





OBSERVATÓRIO DA
JUVENTUDE DA UFMG

FaE
Faculdade de Educação

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS